

Há Cem Anos, o IV Centenário: Onde Estava o Povo?

Jaime de Almeida

“Era uma vez, às vésperas do ano 1000, um povo, o da Europa, tomado de pânico”. Assim começa *Fim de século*, em que Hillel Schwartz recorre às ferramentas da História Cultural — aqui diríamos História das Mentalidades — para mostrar o impacto da noção de século, e sobretudo das viradas de século, sobre o sentido da passagem do tempo no Ocidente, explicar os interesses envolvidos nas excessivas esperanças e nos exagerados temores que entram em cena a cada fim de século, e, enfim, encarar de frente as tensões da passagem para o terceiro milênio. Nada há de verdade na lenda criada por Michelet, mas, com as devidas reservas, os historiadores contemporâneos concordam quanto à validade da escolha do ano 1000 como marco de um ponto de mutação na trajetória do Ocidente. Hillel Schwartz dirige-se com certeza a nós, seus colegas, quando retira de seus ombros a culpa de qualquer sintoma de obsessão por seu objeto de estudo: pois é verdade que nosso próprio fim de século vem sendo invariavelmente vivenciado e descrito por quase todos, nós mesmos inclusive, como um tempo excepcional no limite das alternativas mais extremas¹.

Exposições mundiais no século XIX: espetáculos da transformação sócio-cultural, de Werner Plum, não

Jaime de Almeida é doutor em História e professor da UnB.
Textos de História 1 (1993): 103-122.

H - I - S - T - Ó - R - I - A

foge a um certo milenarismo na percepção da atualidade: frente ao triunfalismo da civilização industrial em expansão no século passado, estamos hoje amedrontados pela imprevisibilidade das consequências do uso da energia atômica, da poluição, do desequilíbrio ecológico. Contudo, nem a sociedade da produção, nem aquela dos serviços, nem a juventude que sonha com a sociedade do prazer, reconhecem as brumas da sociedade do medo que estão a rodear-nos².

Em ambos os livros poderíamos indagar: onde está o povo? Estamos em presença de sentimentos comuns a toda uma civilização, ou mesmo a um planeta inteiro, ou tratamos de judiciosos estudos sobre medos camponeses, esperanças proletárias, inseguranças de classe média, suicídio das elites? Se podemos descrever dos reducionismos sociológicos do tipo "classe contra classe", nada permite, nem mesmo a formidável eficácia da indústria cultural, imaginar a uniformização das almas. Sabemos da inadequação da palavra povo ao vocabulário das ciências humanas. Na sua ingenuidade, nossa pergunta visa apenas manter acesa a preocupação com o **outro** de qualquer discurso.

Nós historiadores, mesmo se quisermos contestar de algum modo a comemoração do V Centenário do Encontro de Dois Mundos, sabemos que nossas opiniões e práticas (aí incluída a omissão) estão agora e deverão estar, aos olhos de futuros pesquisadores, inevitavelmente atados a ela: verso e reverso.

A maioria das contribuições dos historiadores ao V Centenário focalizará, certamente, a problemática de

quinhentos anos de contato; buscando um balanço, destacar-se-ão dois horizontes: 1492 e 1992. De 1692, quem se lembrará? 1792 parece reservado aos colegas franceses que já se ocuparam bastante dele há três anos; razões de Estado e patriotismo certamente levarão os latino-americanos a considerá-lo apenas quando dos centenários das independências nacionais, em breve, após o milênio... Há exatamente cem anos, festejou-se pela primeira vez um centenário da América: hoje, cem anos depois, evocá-lo ajuda-nos a observar, questionar, interpretar e, quem sabe, agir sobre a comemoração que o destino impôs à nossa geração, e a nenhuma outra.

Começemos pela sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, noite de 12 de outubro de 1892. À cabeceira da mesa, sobre um estrado, envolta em crepe negro, uma cadeira vazia: ali tomava lugar o Imperador, falecido há pouco no exílio. Mais ao fundo, sob um dossel verde-amarelo, vemos seu busto em mármore sobre uma coluna tarjada de luto, a fronte coroada de louros. Daquele lado do salão nobre, “o passado ressuscita a cada canto, cada passo é um triunfo sobre a morte”. Do outro lado, sobre outro estrado, a cadeira de honra também vazia: o marechal Floriano Peixoto envia um representante. “Tribunal da História”, onde não há nenhum sinal de presença popular, na comemoração se ouve o discurso republicano jacobino — a fala do 2º secretário, doutor Alfredo Nascimento — e o discurso conservador, católico, monarquista — o *Elogio Histórico de Cristóvão Colombo*, do orador oficial, comendador José Luís Alves³.

A modéstia das comemorações e a total ausência do povo no IV Centenário aquece o debate acerca do sistema das festas nacionais, imposto pelo Decreto nº 155 B de 14 de janeiro de 1890, e das festas religiosas, que evocam a monarquia.

O jornal situacionista carioca *O País* responsabiliza os monarquistas pela total apatia da população na efeméride. Apesar da réplica ferina do jornal católico *O Apóstolo*, que ridiculariza sistematicamente as festas cívicas republicanas, *O País* pode ter alguma razão. De fato, apesar de divulgar os apelos do papa Leão XIII à participação nas comemorações colombianas, o clero brasileiro limitou-se a celebrar missas solenes, geralmente transferidas para o domingo de 16 de outubro, sem propor qualquer forma exterior de culto. Veremos que tal atitude pode decorrer de um incidente ocorrido na cidade de Roma logo após a divulgação da encíclica *Quarto Abeunte Saeculo*, em louvor a Cristóvão Colombo.

Tratando-se de uma festa nacional do calendário republicano de inspiração positivista, o clero brasileiro não teria razões para incentivar a participação popular. *O Apóstolo* dá apenas a sumária notícia das comemorações oficiais, minimiza a importância da inauguração dos primeiros bondes elétricos do Rio, ironiza a precariedade dos sistemas elétricos já inaugurados com festas oficialistas e progressistas, e deplora a jogatina desenfreada (as comemorações oficiais incluíram uma corrida no Hipódromo Nacional, em presença do Vice-Presidente em exercício).

Apenas em São Paulo a comemoração apresenta algum brilho especial. Vistoso cortejo percorre as ruas: cavaleiros, carros, bandas de música. Mas os brasileiros são poucos, predominam os italianos, espanhóis, franceses e alemães. A iniciativa é da alta Comissão Italiana de São Paulo, por certo procurando reconciliar a opinião pública e a comunidade que, três meses antes, desfilou pelas mesmas ruas rasgando a bandeira brasileira, provocando forte reação popular. À noite, na sessão solene da Sociedade dos Homens de Letras, no salão nobre da Faculdade de Direito, o discurso católico prevalece: o orador oficial é o cônego Manuel Vicente da Silva; o presidente da Sociedade, doutor João Mendes de Almeida, elogia o último franciscano do país, frei João do Amor Divino, anfitrião de todos os presentes, já que a faculdade se situa no convento de São Francisco, compara-o a frei Juan Perez Marchena do convento de Arrábida, personagem decisivo na empresa de Cristóvão Colombo⁴.

Distante das ruas, como as missas e as sessões do IHGB e da Sociedade dos Homens de Letras, a festa colombiana do Colégio Santa Rosa, de Niterói, mostra como o IV Centenário se insere na formação dos futuros cidadãos católicos da República. O programa de dois concertos, divulgado pela imprensa, não faz qualquer concessão ao sistema das festas nacionais, a começar pela data do primeiro: domingo, 16, "por ordem de Leão XIII". À tarde, os jovens alunos, suas famílias e os professores salesianos ouvem o Hino Nacional, e não a Marselhesa. Depois, ouvem a Marcha Real Italiana: o patriotismo dos padres italianos, atenções à colônia ita-

liana, ou a firme preferência pela realeza, justificariam esta homenagem à monarquia inimiga do papa. Todas as peças cantadas e tocadas são italianas. Distribuem-se estampas de Cristóvão Colombo, impressas na tipografia do Colégio. O programa da festa salesiana exhibe o caráter do adulto que o clero ultramontano está moldando para o século da República: formação cultural europeia, qualificação para atividades ligadas à imprensa, letras e artes, valoração da hierarquia, sensibilidade romântica⁵.

O Apóstolo integra a rede católica internacional de imprensa transcrevendo o noticiário do *Moniteur de Rome*. Trata-se de enfatizar a importância do catolicismo na difusão do progresso material e espiritual entre os povos de todos os continentes, articulando uma opinião católica em defensiva contra os avanços do protestantismo e da irreligião na esteira do liberalismo. As comemorações espanholas, já naturalmente ultra-católicas em razão da aliança entre a monarquia restaurada e o clero, ganham um tom triunfalista que disfarça mal a fraqueza da Espanha frente a seu grande desafiante, os Estados Unidos republicanos, que preparam a Exposição Universal Colombiana de Chicago para 1893.

Um tema recorrente do noticiário católico é a consagração de países, províncias e municípios ao Sagrado Coração de Jesus. A derrota do presidente Balmaceda, apontado como maçom, por tropas arregimentadas pelo parlamento chileno, é explicada pela decisão do general católico Canto de só combater nas sextas-feiras, e de tomar como únicos emblemas os estandartes do Sagrado Coração e de Nossa Senhora do Carmo, patrona do exér-

cito chileno. Colômbia e Equador se destacam como modelos da neocristandade. Esta guerra de posições de que a devoção, o culto e as imagens do Sagrado Coração são referenciais se desenvolve também no Brasil. Como se sabe, esta emblemática devoção jesuítica, oficializada em 1856 por Pio IX e confirmada por Leão XIII, em 1889, é o caldo de cultura dos milagres do Juazeiro⁶.

Em agosto, *O Apóstolo* divulga a Encíclica que fixa a posição da Igreja no centenário. "Cristóvão Colombo pertence a nós". (Na sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 12 de outubro, Alfredo Nascimento reivindicará a presença de Colombo entre os demolidores laicos da concepção geocêntrica do mundo que abriram caminho para a derrubada de seu corolário, a concepção antropocêntrica, pela ciência de agora.) A Encíclica é decisivo pronunciamento em apoio ao historiador Antonio Cánovas del Castillo, arquiteto da restauração monárquica de 1874 na Espanha e da aliança entre conservadores e liberais monarquistas após a morte de Afonso XII, presidente do Conselho de Ministros, diretor do Quarto Centenário. Seus assessores, historiadores padre Fidel Fita e monsenhor Gerardo Mullé de la Cerda, têm dificuldades junto ao clero que teme ceder tesouros artísticos e documentais, prevendo novas expropriações. Antes da Encíclica, que convoca os católicos a celebrarem com entusiasmo o centenário, a Secretaria Geral do Vaticano já expediu carta circular aos bispos e cabidos espanhóis aconselhando-os a contribuir⁷.

O apelo papal é, prontamente, atendido na Itália. Um grupo de jovens católicos desfila pelas ruas de Roma,

buscando o Passeio do Pincio, para coroar de louros a estátua de Colombo. Ocorre uma contra-manifestação, garibaldinos gritam palavras de ordem contra o papa e vivas a Giordano Bruno. A polícia não se intromete antes da expulsão dos católicos. O *Moniteur de Rome* denuncia: não é apenas o papa que está preso em Roma, é o próprio catolicismo. Os bispos da América Latina protestam com uma *Representação Coletiva* contra o cativo do Pai comum dos fiéis, reafirmando o caráter católico do grande centenário. A imprensa católica internacional, em meio à sistemática refutação do protestantismo, sinaliza as simpatias de Leão XIII pelo presidente democrata Cleveland, recentemente eleito nos Estados Unidos; convoca os católicos à exposição colombiana de Chicago; apóia a causa irlandesa contra os ingleses; incentiva os Estados Unidos a barrar o expansionismo britânico na Venezuela; mas o principal inimigo é o militarismo prussiano do Kaiser protestante⁸.

Salvador Bernabeu, escrevendo em *América 92*, informa-nos dos esforços da intelectualidade leiga espanhola propondo a celebração do IV Centenário, segundo um espírito secularizador e docente, típico do programa positivista. Em vão, Menéndez y Pelayo repetiu as exortações feitas alguns anos antes, quando do centenário de Calderón (“Não fazer dele um ídolo, um manequim ou um fetiche”, mas estudar sua obra): o evento apropriou de todo as características das grandes cerimônias e práticas religiosas com seus lugares santos de peregrinação, suas concentrações de fiéis perante o altar — do artista ou do cientista —, suas medalhas, escapulários, selos, cartões⁹.

Dentre as grandes exposições universais consideradas por Werner Plum, a de Chicago em 1893, com 81 hectares, tem quase o dobro da superfície da exposição de Paris em 1900, e quase dez vezes a superfície da primeira exposição londrina, de 1851. Em número de visitantes, porém, Chicago, com 27 milhões, fica aquém dos 32 e 50 milhões que visitaram as feiras parisienses de 1889 e 1900. Hillel Schwartz relaciona a desmesura das obras, uma enorme cidade branca erguida sobre os pântanos e manguezais da margem do lago Michigan, com o fechamento da fronteira do Oeste, anunciado na Exposição pelo jovem historiador Frederick Jackson Turner: os americanos passavam a rever seu relacionamento com o tempo, à medida que reconsideravam seu lugar no continente e no mundo¹⁰.

Onde estava o povo? Folheando os jornais dos anos 1892-93, o pesquisador sente a presença quase física de toda uma idéia de História interposta entre seus olhos e o microfilme. Aí estão os anarquistas em luta direta na Espanha e na Itália, a execução pública de Ravachol em Paris; aí estão os congressos socialistas na Alemanha, o velho Engels vê confirmadas previsões feitas por Marx e ele, há alguns anos, sobre o papel dos Estados Unidos na economia mundial. Da Rússia, junto às idéias de Tólstoi, nosso ouvido aguçado ouve já as notícias do jovem Lênin sob um surdo rumor de botas e de histeria anti-semita. O escândalo do Panamá desmoraliza os grandes atores da exposição universal de 1889, a direita francesa força os socialistas a definirem-se em relação aos judeus, a "raça maldita", na firme convicção do *Apóstolo* (veja a matéria "Ódio velho", 27 de julho de

1892). Na África, Ásia e Oceania, como na Patagônia, Goiás e Amazônia, aí está, sem nenhum meio-termo, a quase unanimidade do apelo à missão civilizadora dos arianos. O pesquisador sente-se convidado a fixar de imediato as coordenadas de um vasto processo, a História Contemporânea, destacando dos movimentos “pré-políticos” os passos da constituição de um novo sujeito histórico, progressivamente depurado dos sentimentalismos populistas de todo tipo. A poeira do muro de Berlim, acompanhando a nuvem radioativa de Chernobyl, embaça incomodamente a lente que se interpõe entre nossos olhos e as festas de 1892, deixando de pensar no futuro ainda não definido naquele ano. Recolocase a pergunta: onde estava o povo?

Da Espanha, tumultuada pela direita carlista e pelo anarquismo, uma crônica de Arnaldo Fonseca traz-nos a evocação da aura da festa. Em Madri, aquele famoso entusiasmo espanhol parece ofuscado pelo francesismo; o caráter se dilui na procura da frase de estilo a oferecer, como uma compota, para a postição gargalhada alheia. O *flâneur* português observa a banalização da vida da multidão nas ruas, apenas rompida por um ou outro grupo de *rubias* em cabelo que ainda afilam os dentes de ratinhas diante de tudo com que esbarram. Chega a condoer-se com o ridículo: o rei de Portugal passeia a pé, acossado pelos vendedores das mercadorias do dia. São réplicas de caravelas, jornais liberais, a caveira de Cristóvão Colombo que abre a boca, fecha os olhos e diz papai, mamãe, retratos dos reis de Portugal, “el gordito y su mujer” a seis reais o par: “mira, que monos!”...

Passa agora a *Cabalgata*, aparatoso cortejo colombiano cuja concepção é a mesma das procissões religiosas espanholas. Figuras do século XV, as três caravelas, a rainha Isabel montada à inglesa numa grande horsa branca. Tudo isto desfila sem calor, sem nenhum ímpeto mais franco, nenhum estrépito que a multidão sempre produz, nenhuma gargalhada arpoa as nádegas pintadas de algum figurante da zarzuela tornando alegoria dos selvagens, tal como ocorria em tempos idos.

Arnaldo Fonseca ouve os comentários da massa que ocupa os balcões e janelas dos edifícios, quando passa o carro triunfal de Colombo. Tremelica sobre uma enorme esfera branca a figurita renascença com a cabeleira curta, a capa curta, a mão estendida. Tudo aquilo é colossal. Discute-se de que material foi feita a obra. Um espanhol, belo tipo de barba cerrada e olhos rasgados, francos, tenebrosos, expõe seu ponto de vista: "Que no... Que sí... Pero... cuerno... es una barbaridad... de cartón!". Outro espectador replica gritando à esposa: "Este si que es precioso... Mira, Concha! mira con la trompeta!".

Visitando a exposição histórico-americana no Palácio de Recoletos, o cronista não encontra gente afeita a andar sempre na rua. Aí se concentram os estrangeiros e os tipos do ofício. A exposição tem o ar de um museu riquíssimo, tudo acabrunhador, pesado e baço. Eis, por acaso, uma família a circular em meio ao amontoado estonteante de opulências: marcham com seus olhares alvares, em passo de procissão, estão a matar o tempo¹¹.

De Chicago, não poderemos ver as fotos de William Henry Jackson¹², nem ler por inteiro o romance-folhetim *A Exposição de Chicago. Narrativa de uma viagem à grande exposição colombiana*, publicado pelo *Jornal do Rio*, de abril a junho de 1893. Ouçamos uma sessão do Congresso Auxiliar do Mundo, no Art Palace, o “grande senado da humanidade”. Estão reunidos todos os representantes dos estados da União Americana, de todas as nações civilizadas, de todas as colônias e dependências inglesas: uma espécie de “parlamento pan-anglicano”, diz o folhetim. Em pauta, a luta pela hegemonia mundial entre os EUA e a Inglaterra. Tem a palavra Cecil Rhodes: “O nosso fim deve [ser] manter uma paz universal entre as nações pardas do mundo, civilizar a África e proporcionar e facilitar a propagação das melhores raças humanas, concedendo-lhes a prioridade de ocupação nos terrenos devolutos do mundo inteiro”... Passemos rapidamente ao Palácio das Manufaturas e Artes Liberais. Aí caberia folgadoamente a grande Pirâmide de Quéops; há espaço para duas basílicas de São Pedro, dos papistas, ou quatro Coliseus, mas os colossos da indústria norte-americana não cabem.

Deslumbrados pela apoteose efêmera do gesso, os visitantes discutem o contraste entre o convencionalismo ortodoxo da Cidade Branca e as monstruosidades bárbaras edificadas pelas diversas repúblicas do Sul da América. Para distrair as crianças, o narrador as leva a observar, depois dos animais do zoo (todos perfeitamente domesticados vivendo em paz e harmonia), as réplicas de aldeias européias, cidades orientais, tribos selvagens. Detêm-se diante da aldeia do Dahomé, “uma mostra

muito aproximada da selvageria que os franceses têm tentado domar à força de reflex de Lebel [sic]. Aqui há cerca de 60 homens e mulheres representando o único reinado africano independente — até o ano passado — e onde as mulheres se exercitam na arte bélica (...) Felizmente chegamos a tempo de vê-los dançar e saltar contorcendo os corpos da forma mais hedionda e selvagem que se pode imaginar”. À noite, 250 mil pares de olhos arregalados vêm 24 baterias de fogos representando a procissão dos últimos 25 séculos da História Universal (Em outra noite, todas as potências do mundo depõem seus troféus aos pés da soberba estátua alegórica de Chicago).

No dia seguinte, compras no *Bon Marché* da cidade, aí trabalham 2.400 caixeiros. Discute-se o lucro dos negócios. Mr. Jones refuta idéias saturadas de lama deste charco socialista que hoje salpica toda a Europa. Pátria do trabalho honesto, as idéias socialistas não vingam na América, pelo menos desde 1887. Mr. Jones mostra o monumento erguido num ângulo da praça do Haymarket: sobre o pedestal onde se lê *Em nome do povo de Illinois, ordeno-vos paz*, um policial em uniforme de grande gala ergue a mão direita. Nosso guia conta a miss Flanagan o desfecho da campanha anarquista pela jornada de 8 horas de trabalho, quando uma bomba lançada contra a delegacia de polícia, naquele local, matou alguns policiais: “Linchamos quatro, guilhotinamos [sic] outros tantos e um suicidou-se na prisão”.

Em resposta a este “atestado perpétuo das disposições [da América] face ao elemento socialista”, em 25

de maio delegações anarquistas de todo o mundo vêm a Chicago inaugurar no cemitério de Walheim o monumento aos cinco trabalhadores enforcados. Uma mulher, em atitude de desafio, dobra um braço contra o peito e deposita uma coroa de louros sobre a cabeça de um operário morto, estendido ao solo. No pedestal, as últimas palavras de Augusto Spie antes da execução: "O nosso silêncio será muito mais poderoso do que quantas palavras pudéssemos proferir". Algumas semanas antes, os anarquistas invadiram o recinto da Exposição, com mortos e feridos no choque com a polícia. A imprensa anuncia a prisão do chefe socialista [sic] Vromblosk, acusado de preparar um atentado a dinamite. Alguns meses depois, o presidente Cleveland ordenará a repressão sangrenta da grande greve dos empregados da empresa ferroviária Pullman de Chicago. Os linchamentos de negros e italianos prosseguem¹⁸.

Onde estava o povo, no Brasil, há cem anos? Se associarmos a noção de povo à de multidão, a maior concentração humana do ano 1892 é, sem dúvida, a Procissão do Desagravo, na primeira sexta-feira de abril, no Rio. A 25 de março, dois protestantes quebram a porretadas o crucifixo da sala do tribunal do júri. A reação do clero e da quase totalidade da população, respeitada por todas as correntes da imprensa, culmina, uma semana depois, num cortejo soleníssimo com 150 sacerdotes, dezenas de ordens terceiras, centenas de anjos e milhares de fiéis, fenômeno incomparavelmente superior a qualquer das festas cívicas da época. A multidão segue o ponto de vista do clero ultramontano, culpa o positivismo da República pelo sacrilégio. O triunfo da

manifestação católica é bruscamente respondido pela prisão e exílio dos republicanos deodoristas, acusados de conspiração nas sacristias¹⁴.

Na áspera polêmica travada a propósito das festas entre republicanos jacobinos e católicos ultramontanos, se a razão, em última instância, coubesse a quem mobiliza maior massa de gente, uma leitura serena da imprensa da época encontrará as festas mais populares, como a da Penha, numa terceira posição. Empenhado na defesa de seus interesses imediatos nos bens móveis e imóveis das irmandades leigas e ordens terceiras, consciente de que o Governo Provisório pode a qualquer momento concretizar projetos de desapropriação, a Diocese do Rio de Janeiro impõe sua autoridade sobre aquelas associações, reformando, proibindo e ignorando suas festas. O modelo de festa proposto pelo clero romanizante é ostensivamente distante das tradicionais festas de largo e romarias, sem a presença habitual do álcool e dos jogos de azar, que comprometeriam a inocência dos folguedos populares. Trata-se de forjar uma nova sensibilidade religiosa, estimulam-se novas devoções: as festas do mês de maio, os Sagrados Corações, o mês do Rosário, as organizações vicentinas. Atenção especial é dedicada às mulheres e crianças das camadas média e superior da sociedade. O povo, alvo de um discurso de inspiração romântica, tem pouca ou nenhuma autonomia na festa romanizada¹⁵.

Excetuando os pronunciamentos jacobinos, que não discutem o sentido da festa em função da quantidade, os registros de festas cívicas do período sugerem ou

afirmam a ausência de entusiasmo do povo, reduzido à condição passiva de espectador enquanto desfilam os soldados, funcionários públicos e escolares. Destaque-mos, nos limites deste ensaio, a surpreendente aparição do almirante Custódio José de Melo na mesa diretora da Irmandade do Senhor do Bonfim, introduzida no Rio de Janeiro, em janeiro de 1893, com todas as características da religiosidade sincrética baiana e, mesmo assim, aprovada pelo *Apóstolo* que exulta ao igualar o triunfo da festa inaugural com aquele da Procissão do Desagravo. Temos aqui uma pista para interpretar a cobertura dada à Revolta da Armada pelo jornal, em setembro, sobretudo a descrição do comportamento popular durante o bombardeio da cidade. Após relatar o pânico da população e a corrida desabalada rumo aos subúrbios, a crônica assinala: "Uma vez instalados fosse onde fosse, a nota dominante tornava-se de um alvoroço mais festivo que alarmante (...) Não ficou casa que não recebesse hóspedes (...) muita gente dormiu ao relento sob o arvoredos dos arrebaldes, que, apesar de tudo, estavam a apresentar aspecto verdadeiramente festival". Curiosamente, as memórias de Luiz Edmundo, filho de família estreitamente ligada ao governo militar, confirmam o sentimento de festa produzido pela atualização dos vínculos fundamentais da vida em comum que a brusca ruptura do cotidiano pela guerra propicia¹⁶.

Não estaria aqui a brecha para encontrar o povo através da festa? Jean Duvignaud, assentando a festa em cheio sobre a categoria destruição; Douglas Teixeira Monteiro compreendendo a guerra como abertura para a festa que procura um outro século, no Contestado; Mar-

lyse Meyer e Maria Lúcia Montes descobrindo a capacidade de intervenção dos excluídos, ditando o texto de cada ato quando a sociedade golpeada pela morte, lançada num tempo liminar, busca ritualmente o retorno à normalidade. Capacidade forjada na experiência cotidiana de uma vida inteira vivida como situação-limite, todos apontam nesta direção¹⁷.

Como registro de situações-limite, as páginas policiais tornam-se fontes inesgotáveis para a história da festa. No dia em que recebe ofício do Instituto Histórico e Geográfico convidando seu presidente para a cerimônia de comemoração do IV Centenário, o Senado Federal discute a proposta nº 91 da Câmara, decretando a fundação de colônia “para correção, pelo trabalho, dos vadios, vagabundos e capoeiras que forem encontrados [na Capital Federal; aí se incluem] os indivíduos de qualquer sexo e qualquer idade [ociosos e aqueles que agem] quer aproveitando o movimento da população em festas e solenidades públicas, quer em manifestações de regozijo e reuniões populares”. Discute-se naquela sessão a competência na repressão contra o “comunismo semi-bárbaro e ilegal” das populações rurais que violam o direito à (grande) propriedade privada: quem deve legislar, o Congresso Nacional ou os estados? Américo Lobo contesta Nina Ribeiro, a questão não é irrelevante: “A vida começou; o que há é que ela está ainda balbuciante, porque somente agora principiou a gozar da liberdade o povo, que estava durante mais de três séculos subjugado pelo cativoiro”...¹⁸

A abordagem iconográfica das festas de cem anos atrás tem na *Revista Ilustrada* uma fonte muito espe-

cial. Consideremos, no nº 656, o contraste entre o tratamento de gênero *fête galante* ao pic-nic oferecido pela Companhia Cidade da Gávea inaugurando as obras de um loteamento de luxo no Leblon, na página 5, e a terrível natureza-morta da página de rosto. Sobre a bandeja, da cabeça decepada de um porco ainda escorre uma lágrima, atraindo a gula da barata pousada sobre a testa. Finalmente arrasada a famosa *Cabeça de Porco*, quantas serão as famílias lançadas à rua, agora vagabundas, condenadas à liberdade do novo século que começa?¹⁹

Em outubro de 1892, o Rio de Janeiro estarrecido acompanha um pavoroso crime. Em fotos, o tronco mutilado da parda Maria de Macedo, a cabeça e os membros, e seus dois assassinos, são expostos à porta das redações de jornal. Um artista da *Revista Ilustrada* as reproduz, inserindo tais imagens na série de tentativas de representação não convencionais de Tiradentes na *Revista*. E vendo-as rodeadas por tantas figuras de pessoas simples a morrer sob as rodas de bondes e locomotivas, agonizando sob casebres desabados, apanhando da polícia, fugindo ao recrutamento, sofrendo com o cólera e o Encilhamento, ocorre-nos a hipótese de que a visão do pobre corpo esquartejado de Maria de Macedo leva Pedro Américo a iniciar seus estudos para o *Tiradentes esquartejado*, em dezembro de 1892²⁰.

Notas

1. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1992, pp. 15-35.
2. Bonn: Friedrich Ebert Stiftung, 1979, pp. 9-10.
3. V. o Número Especial da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, "Sessão Solene do IHGB celebrada a 12 de outubro de 1892 em comemoração do quarto centenário do descobrimento da América e homenagem à memória de Cristóvão Colombo" (1892).
4. *Diário Popular*, 8/10/1892, p. 3; 11/10, p. 2; 13/10, p. 2; 14/10, p. 1; *Correio Paulistano*, 5/7/1892, p. 1; 2/8, p. 1; 4/8, p. 1.
5. *O Apóstolo*, 9/10/1892, p. 3; *Jornal do Comércio*, 12/10/1892, p. 4.
6. *O Apóstolo*, 1/6/1892, pp. 2-3; 24/7, p. 4; 17/8, p. 1; 11/8/1893, p. 3; v. Douglas Teixeira Monteiro, "Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado", in Bóris Fausto (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III, vol. 2 (São Paulo: Difel, 1978), p. 47.
7. *O Apóstolo*, 31/8/1892, p. 1; *Sessão Solene*, p. 45; v. *Agencia Española*. *Cultura Hispânica*, 16/12/1990; Suplemento "IV Centenario del descubrimiento de América" in *América* 92 nº 4 (abr/jun 1990); *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana* (Barcelona: Espasa-Calfe), pp. 234-5.
8. Veja, por exemplo, *O Apóstolo*, 9/10/1892, p. 1; 18/11 p. 2; 11/11, p. 2.
9. "Del 'Centenario de Colón' al Encuentro de Dos Mundos" in Suplemento cit. nota 7, pp. 6-9.
10. *Exposições Mundiais no século XIX: espetáculos da transformação sócio-cultural*, p. 61; *Fim de século*, pp. 249 e 282.
11. "Coisas de Madrid (Farrapos d'uma crônica)" in *Revista Ilustrada* nº 60. Lisboa. 1893; pp. 229-232.
12. Veja Peter Bacon Hales, "Photography and the World's Columbian Exposition: A Case Study", *Journal of Urban History* 15 (maio 1989): 247-273. Agradeço à minha orientanda Maria de Fátima D. Tavares a preciosa indicação.

13. *Cidade do Rio* 27/4/1893, p. 2; 1/5, p. 1; 14/5, p. 2; 8/5, p. 2; *O Apóstolo* 9/7/1893, p. 3; 17/5/1893, p. 3.

14. V. meu artigo, "Há cem anos, o quarto centenário: dos horripantes sacrilégios às santas alegrias", *Estudos Históricos*, 5[9] (1992): 14-28.

15. O processo de romanização da Igreja no Brasil é um tema já clássico na historiografia. Para considerar, a propósito da festa da Penha, o papel ativo da cultura popular frente às pressões eclesiásticas e policiais, ver o interessante estudo de Rachel Soihet, "Um ensaio sobre resistência e circularidade: a Festa da Penha (1890-1920)", *Cadernos do ICHF*, 31 (agosto de 1990).

16. V. meu artigo já citado; *O Apóstolo*, 17/9/1893, p. 1; Luiz Edmundo, *De um livro de Memórias* (Rio de Janeiro: s/ed., 1958), vol II, pp. 359-363.

17. Pela ordem: *Festas e civilizações* (Fortaleza: Ed. UFC, 1983); *Os errantes do novo século* (São Paulo: Duas Cidades, 1974); *Redescobrimdo o Brasil: a festa na política* (São Paulo: T.A. Queiroz, 1985).

18. *Anais do Senado Federal* (1892): 183, 181 e 189-91.

19. Fev. 1893; o inseto caracteriza a autoridade responsável pela operação policial de erradicação do cortiço, conhecida por sua postura positivista.

20. *Revista Ilustrada* 650 (out. 1892): 8; a hipótese ocorreu-me ao ver a exposição *Pátria amada esquartejada/Caminhos da memória/Trilhos do futuro*, organizada pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, na Praça da Sé: ali vi reproduções dos Estudos de Pedro Américo, da coleção Max Perlingeiro.